

**“ESPÍRITO ESAVIANO” E COTIDIANO DISCENTE NA ESCOLA SUPERIOR DE
AGRICULTURA E VETERINÁRIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS**
*The “ESAV Spirit” and the Daily Student Life at the Escola Superior de Agricultura e Veterinária
of the State of Minas Gerais*

Eduardo Simonini Lopes¹

RESUMO

O “espírito esaviano” foi uma mentalidade cunhada na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – instituição esta que a partir de 1970 passou a ser conhecida como Universidade Federal de Viçosa – e perdurou dos anos 20 aos 40 do séc. XX. O cultivo de tal “espírito” veio a ser uma ferramenta importante para modelar os modos de fazer e de pensar daqueles que iniciaram a construção da ESAV e que propunham fazer dela um modelo de influência tanto na prática da agricultura brasileira quanto na construção de valores morais “superiores” a contribuir com o crescimento da Nação. Neste sentido, este trabalho se dedicou a apresentar o contexto institucional no qual o “espírito esaviano” foi cunhado e sua interferência no cotidiano discente da instituição, especialmente aquela indicada nos exemplares do jornal estudantil “O Bonde”, publicados entre 1945 e 1947.

Palavras chave: agricultura; vida estudantil; ESAV.

ABSTRACT

The “ESAV Spirit” was a mentality coined at the Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – institution whose name changed to Federal University of Viçosa in 1970 – that lasted from the 1920s to the 1940s of the 20th century. The fostering of such a spirit became an important tool used to mold the ways of doing and thinking of the ones who started the construction of the ESAV and proposed to make it a model of influence on both the practice of the Brazilian agriculture and the construction of “superior” moral values that would contribute to the development of the nation. Therefore, this work aimed to present the institutional context in which the “ESAV spirit” was born and the influence of this mentality on the daily student life at the institution, mainly the one shown in the copies of the student newspaper *O Bonde*, published between 1945 and 1947.

Key words: agriculture; student life, ESAV.

Neste lar forja-se uma mentalidade própria – o Espírito Esaviano – árvore frondosa que evolui contínua e silenciosamente, para a felicidade nossa, da Agricultura e da Pátria (COELHO, 1996, p. 48).

¹ Doutor em Educação: Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor de Psicologia na Universidade Federal de Viçosa/MG. E-mail: simonini1@yahoo.com.br; simonini@ufv.br

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) foi criada pelo Decreto Estadual 6.053, de 30 de março de 1922, apoiando-se no ideário de que a evolução social de Minas Gerais só poderia ser atingida a partir do desenvolvimento racional e científico da agricultura. A inauguração da ESAV (também chamada apenas de “Escola”) se deu no dia 28 de agosto de 1926 na cidade de Viçosa (MG), tendo como idealizador e padrinho o então Presidente do Brasil – e, igualmente, cidadão viçosense – Arthur da Silva Bernardes (1922-1926). Diante da ilustre presença de Bernardes e de diversas autoridades regionais, estaduais e federais, foi plantada a semente do que cerca de quatro décadas mais tarde haveria de se tornar a Universidade Federal de Viçosa. E no discurso que proferiu no ato inaugural da ESAV, Bernardes (2006) deixou explícitas suas intenções com aquele empreendimento, ao declarar que:

Instituto como este e equivalentes, devem ser espalhados pelo Brasil. A agricultura tem necessidade de técnicos e peritos. A exploração da terra tem que ser dada, cada vez mais, a uma orientação científica. O Brasil, antes de tudo, tem que ser um grande país agrícola. (...) O grande interesse do Brasil está ainda na agricultura, está no aumento da produção, está na solução de todas as nossas dificuldades financeiras (p.56).

A escola sonhada por Bernardes deveria ter, além de uma vertente acadêmica, um aspecto igualmente prático e experimental que se dispusesse ao progresso e ao crescimento, orientado numa proposta de fomento tecnológico que propiciasse competitividade à produção agrícola mineira. Ambicionando, portanto, desenvolver uma escola rural que fosse um exemplo na agricultura brasileira, Bernardes buscou as bases filosóficas e práticas para a mesma no modelo dos Land Grant Colleges² norte-americanos, que desenvolviam, na época, uma postura educacional pautada em três pilares: ensino, pesquisa e extensão.

Ainda quando era Presidente do Estado de Minas Gerais (1918-1922), Arthur Bernardes realizou contatos com o consulado do Brasil em Washington/EUA, tendo conseguido com que Peter Henry Rolfs – diretor do Colégio de Agricultura da Flórida (ligado à Universidade da Flórida) – aceitasse o convite brasileiro para montar em solo nacional uma escola nos moldes arquitetônicos, filosóficos e educacionais dos Land Grant Colleges. Se partiu de Bernardes a ideia de construir uma escola de agricultura na Zona da Mata mineira, foi Rolfs quem deu corpo e alma a tal escola, introjetando nas terras de Minas todo um ritmo de trabalhar, pensar e fazer atento à filosofia do “Learning by Doing” (*aprender fazendo*) e “Science with Practice” (*ciência com prática*), tendo o objetivo de produzir pesquisas que dessem um passo para além do empirismo ingênuo que dominava o fazer agrícola de então.

Assim, o pragmatismo norte-americano embalou os primórdios da ESAV, orientando uma postura de ensino-aprendizagem dentro da qual o estudante deveria ser

² Os Land Grant Colleges surgiram nos Estados Unidos, na década de 1860, objetivando prioritariamente o incremento da agricultura. Foram criadas a partir da reivindicação de pequenos e médios produtores por maior apoio do Governo Federal para a agricultura e pela oferta de uma educação mais voltada para as atividades agrícolas, tendo como base ensinamentos práticos (RIBEIRO, 2010).

instruído prioritariamente na vivência prática dos problemas da agricultura e no cultivo de soluções cientificamente embasadas para esses mesmos problemas. Por sua vez, o discente, no momento de admissão na Escola, era considerado como sendo um sujeito ignorante pelo fato de não possuir uma percepção científica da realidade. A fim, então, de adentrar no templo da verdade científica, o estudante era convidado a colocar de lado seus conhecimentos cotidianos – entendidos como credices infantis e tolas – para vir a se interessar pelo que realmente era considerado legítimo: o encontro com a perspectiva de progresso social e econômico sustentada em conhecimentos e práticas cujos fundamentos residiam na racionalidade científica. Ratificando tais argumentos, temos que Rolfs, em um histórico e famoso discurso aos ex-alunos da ESAV no ano de 1938 (intitulado “Destino na Vida”), apresentou a seguinte reflexão:

Como criança me lembro de ter acreditado que por meio de movimento dos braços, imitando os pássaros, eu podia voar..., e o resultado foi doloroso. Aprendi gradativa e vagarosamente. Minha imaginação infantil foi substituída por fatos, baseados em minha própria experiência. Os senhores, meus caros amigos, vieram a nossa Escola com uma imaginação quase rudimentar. Gradativamente aprenderam que o muito que imaginavam, senão tudo, era errado (ROLFS, 1996: p.39).

Figura 1: P. H. Rolfs, de pé, em discurso no Salão Nobre do Prédio Principal da ESAV.



Fonte: <http://www.tratosculturais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/grande024.htm>

Desqualificando os conhecimentos cotidianos de seus discentes, a ESAV abraçou a ciência moderna como tendo o monopólio do saber válido e rigoroso, o qual, no mesmo momento em que *se constituiu em vibrante e inesgotável fonte de progresso tecnológico e desenvolvimento capitalista, arrasou, marginalizou ou descredibilizou todos os conhecimentos não científicos que lhe eram alternativos* (SANTOS, 2006, p.155). Assim, aquele exercício retórico de Rolfs deixou transparecer o quanto as instâncias oficiais da instituição ignoravam a viabilidade e a legitimidade de saberes populares, considerando que tudo o que não passasse pelo crivo avaliativo do saber científico se apresentava como

dimensão relegável à instância do “infantil” e desqualificada como sendo ignorância. Fica explícito, então, que, para Rolfs e para a ESAV, embebidos nos valores positivistas da ciência de sua época, o indivíduo que não estivesse introduzido nos cânones científicos era um ser “menor”, envolto a misticismos e credences errôneas. Posição essa seguida por Giacometti (1947, p.1) que, quando discente daquela instituição, defendeu que *a ESAV é uma oficina de homens. Todos eles, ao iniciarem aqui seus estudos, são crianças grandes que trazem de suas cidades o colorido da vida ginasiana, ou de suas fazendas os segredos da rotina e da ignorância.*

Desta maneira, assumindo o saber científico como “tradutor juramentado” do mundo ao redor, a ESAV procurou se sustentar num modelo de progresso que visasse o “melhoramento do animal, da semente e do homem”. Mas se os animais e as sementes eram passíveis de domesticação nos laboratórios e no campo, o trabalho de *oficina* sobre os homens exigia outra estratégia: a produção de um sentimento de comunidade, cooperação, *hora certa*, lealdade e juventude que pudesse igualmente motivar uma coesão grupal sólida o suficiente para ser vivida como identidade coletiva. Isso fica bem claro no discurso proferido aos alunos da instituição por Nello de Moura Rangel, no ano de 1940. No referido discurso, Rangel anunciou, a respeito da ESAV, que:

Seu lema, “pelo homem são, pela boa semente, pelos bons rebanhos”, abrangia todos os aspectos da esfinge desafiadora. Pela sua organização americana era pragmática quanto ao ensino, enfrentando diretamente os problemas concretos que se lhe antepunham. Não se cuidava apenas em formar profissionais competentes, mas plasmar homens completos, conhecedores da profissão, dignos pelo caráter, cidadãos pela integral compreensão das questões básicas da nacionalidade e pela consciência da missão relevante que lhes competia desempenhar (RANGEL, 2006, p.81).

Tal concepção de progresso técnico e completude humana, a se encarnar não apenas no uso da ciência agrícola, mas também no fomento de uma identidade institucional “forte”, respondeu pela denominação de *espírito esaviano*. Tal espírito tinha como carro chefe o engajamento de estudantes, professores e funcionários aos valores de pensar e fazer da Escola. Ser esaviano correspondia ao comprometimento com o cultivo de uma postura “correta” em direção aos valores de progresso, cooperação, honestidade, higiene, fazer prático/científico e conduta disciplinar que tanto Rolfs quanto principalmente seu sucessor, o engenheiro João Carlos Bello Lisbôa, imprimiram naquele espaço educativo. O fomento de tal perspectiva se pretendia muito mais do que uma maneira de estar na Escola, mas sim um modo de vida, uma postura para a existência. Giacometti (1947) assim definiu o *espírito esaviano*:

Definição: a exata, seria difícil, mas rodeá-la, porém, talvez não o seja. Espírito esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas, como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV. A sua origem, sem dúvida, vem do espírito americano. Trabalhar em conjunto, cooperação e camaradagem, confiança recíproca e justiça, são as características desse êmbolo da vida esaviana.

Portanto, o *espírito esaviano* se sustentava na motivação de promover uma vivência de irmandade, companheirismo, excelência e dedicação para com as causas da ESAV. O cultivo desse *espírito* – em atividades acadêmicas, esportivas e comemorativas – produzia forte influência na autoestima tanto dos alunos quanto dos docentes e funcionários, estando essa autoestima comprometida com a altivez de conduta cultivada por João Carlos Bello Lisbôa em reuniões diárias com o corpo acadêmico, as quais foram denominadas de Reuniões Gerais. Essas reuniões – onde se ambicionou transmitir a todos os praticantes da instituição noções de moralidade, civismo, higiene, saúde e formação profissional – funcionavam, principalmente em seus primeiros anos de implementação, como um poderoso recurso de disciplinamento e fabricação de mentalidades. A esse respeito, o professor Edson Potsch Magalhães, ex-aluno da ESAV, em entrevista concedida a Marinho (2001)³, relata que *o Bello Lisbôa, nas Reuniões Gerais, lançou o espírito esaviano. Falava espírito esaviano com frequência; esse espírito de amor à instituição, à disciplina, o rigor aos estudos, o amor à instituição e à própria Pátria...*

Todavia, acredito que seja muito improvável que a criação de tal *espírito* tivesse origem na figura isolada de Bello Lisbôa. Penso que ele surge como um derivativo de tantas outras propostas de cultivo de pureza aliadas à ideia de progresso – que podemos definir aqui como eugenia – e que tomavam diferentes expressões, no início da década de 1930, fosse no Brasil, no mundo (e a ascensão do partido nazista da Alemanha foi uma delas) ou no pensar/fazer científicos (principalmente aqueles nutridos no positivismo moderno). A eugenia proposta pela ESAV ambicionava substituir as forças cegas da seleção natural por uma seleção conscientemente programada. Os homens emergentes de tal seleção deveriam usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e pelo entendimento do processo da evolução a fim de promover o progresso físico e moral para o futuro da espécie.

A exemplo do “*espírito esaviano*”, muitos projetos eugênicos que se declararam libertários e progressistas produziram, de forma concomitante, seus campos de aprisionamento e opressão a qualquer construção de vida que não correspondesse aos direcionamentos desejados pelas metas de aperfeiçoamento estipuladas. Tais projetos, na tentativa de se contrapor às polifonias sociais, propuseram-se, muitas vezes, a erigir e ou resgatar sonhos de uma organização de realidade considerada como sendo um mundo mais feliz, esperançosos de que esses mundos oniricamente edificadas viessem a ser um plano diretor para toda a humanidade. Porém, não existe proposta mais perigosa à diversidade social do que esta de se sonhar com uma ordem pré-definida a ser materializada na edificação de *um mundo melhor*. Desconsideraram, assim, o sábio conselho do escritor Guimarães Rosa, quando anuncia que *Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo* (ROSA, 2006, p.13).

Concertar o mundo significaria, pois, regê-lo como se este fosse uma orquestração a responder os desejos de uma batuta centralizadora. Já consertar o mundo seria aplicar

³ Conjunto não publicado de entrevistas com ex-alunos da ESAV, conduzidas por Cristiane Marinho (então estudante de Pedagogia da UFV) no ano de 2001. Esse material foi cedido para consulta para este trabalho pelo orientador da referida aluna, o professor Denílson Santos de Azevedo.

a ele um ato de correção, modelando-o a uma ordem que supomos ser a correta para o funcionamento das coisas. A imagem de *concertar consertado* o universo social para que este se transforme em *um mundo melhor* para todos fora, então, a proposta a qual se dedicaram – como docentes e discentes – aqueles que empreenderam os primeiros voos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária.

Foi, portanto, imersa numa orientação eugênica que a ESAV fundamentou suas práticas de educação, propondo o melhoramento do homem e o aniquilamento das “ignorâncias” tributárias do conhecimento cotidiano do personagem rural. E foram nas Reuniões Gerais que Bello Lisbôa difundiu o ideário de perfeição e conduta correta que interferiu na vida de muitos jovens e na condução futura da Escola. Naquelas reuniões, realizadas no Salão Nobre do Prédio Principal da ESAV, um professor era convidado a fazer uma preleção a todos os participantes da instituição sobre um tema livre que poderia englobar tanto questões mais técnicas, quanto também crenças pessoais do docente acerca da melhor condução da vida cívica, moral, acadêmica, religiosa, dentre outras. E foi numa dessas Reuniões Gerais que o professor João Moogen de Oliveira, considerando a sigla da ESAV, cunhou o lema Estudar, Saber, Agir, Vencer (*Ediscere, Scire, Agere, Vincere*) para representar os pilares norteadores do *espírito esaviano*. Esse lema foi gravado mais tarde nas Quatro Pilastras, as quais são um marco situado na entrada da ESAV/UFV e estabelecem um limite simbólico e físico entre a universidade e a cidade de Viçosa. Os formandos da turma de 1945 reverenciaram tal lema – e também as pilastras que o ostentam – com as seguintes palavras:

Caminharemos para a vanguarda com aqueles que desejam um Brasil e um mundo melhor. Desfraldaremos a bandeira do progresso! Partimos. Nossa Escola aqui fica. (...) Nas suas quatro colunas continua fixado o seu e nosso indomável lema: Estudar, Saber, Agir, Vencer. Por elas passaremos de volta (ATHAIDE, 1945).

Figura 2: As Quatro Pilastras, com o lema da ESAV.



O internato

Sendo a ESAV um lar para aqueles que nela residiam, a “alma” do *espírito esaviano* era o internato, cuja concepção se constituiu em uma proposta ousada para a época e que nutria a ambição de aproximar ainda mais o estudante do fazer e pensar institucional. Em Minas Gerais, o sistema de internato da ESAV foi o primeiro a funcionar com eficiência numa Escola Superior. Outras escolas haviam tentado esse modelo, mas fracassaram. Na universidade de Ouro Preto, por exemplo, funcionou o sistema de repúblicas⁴, mas não um sistema de dormitórios como em Viçosa, no qual todo um modelo disciplinar era conduzido de acordo com os interesses morais, éticos e profissionais da ESAV e, posteriormente, da UFV. Segundo Antônio Secundino São José, aluno da primeira turma do Curso Superior de Agronomia da ESAV e, posteriormente, um de seus diretores:

O sistema de internato para rapazes era uma coisa nova no país. Outras escolas tinham-no experimentado antes, abandonando-o por insucesso. Desse modo, os dirigentes da Escola se esforçavam por estabelecer um regime capaz de fazer um sucesso do nosso sistema de internato, todo ele baseado no princípio de responsabilidade pessoal. Para isso, era necessário que a disciplina fosse rígida, observada de perto. E era-o, sem a menor sombra de dúvida... (SÃO JOSÉ, 1939, p.11).

Se, com o internato, ficava facilitada a inserção do aluno carente nos bancos e campos da ESAV, ficava igualmente facilitada a submissão daquele aluno ao conjunto de regras rígidas de disciplina, tributárias do *espírito esaviano* de vida retilínea e dedicada à instituição. Por terem, portanto, uma vida social muito restrita aos limites geográficos da Escola, os discentes ficavam mais facilmente à mercê do modelo de ser humano esaviano fomentado no cotidiano escolar: indivíduo de caráter forte, autodisciplinado, que realizava suas obrigações por livre vontade e por amor à Escola e à Pátria. Na ESAV era, pois, pregado um ideário disciplinar que Lisbôa (1928, p.14) definiu como sendo *de porta aberta, hora certíssima, muito trabalho, alimentação cientificamente sadia*. Porém, com esse regime de *hora certíssima* como modelo de conduta, ambicionou-se promover disciplinamentos do corpo, dos hábitos, do tempo, do convívio e dos valores, almejando-se a transformação daqueles jovens a partir de uma moralidade específica que privilegiava uma excelência patriótica aliada aos valores de progresso científico.

Nesse sentido, eram impostos horários rígidos de estudo; proibição de entrada no alojamento a qualquer pessoa que não fosse estudante da Escola (sendo também interdita a presença de mulheres nos dormitórios); instauração de processos de suspensão e/ou expulsão quando se tivessem notícias de que um aluno se utilizou de colas nas provas, banho coletivo, roubo de frutas dos campos experimentais ou se envolveu em qualquer atitude que tivesse suscitado algum protesto da comunidade de Viçosa (como uso abusivo de álcool e “má conduta” com as mulheres da cidade).

⁴ Casas de propriedade da universidade, mas totalmente administradas pelos alunos, em uma construção de convivência que privilegiou a auto-gestão e a auto-suficiência dos estudantes em relação à universidade.

Todavia, a ESAV, mesmo ambicionando um controle e uma coerência de postura de seus praticantes, não pode ser considerada um corpo uniforme. A existência no convívio, tanto entre estudantes quanto entre professores, de sujeitos das mais diferentes formações pessoais e geográficas fazia da experiência de internato e da vivência institucional algo muito mais complexo do que a suposta normatização proposta nas declarações sobre a unicidade de um *espírito esaviano*. A esse respeito, Baia e Moreno (2006), argumentam que:

Com base no conceito de circularidade de cultura proposto por Ginzburg, podemos inferir na ESAV a presença de culturas locais e regionais, nacional e estrangeira, as quais se entrelaçavam constantemente, o que não nos permite afirmar a existência de uma cultura apenas local ou regional, apenas nacional ou estrangeira, mas uma cultura híbrida, portadora de traços das diferentes culturas (p.108).

Apropriando-nos da citação de Baia e Moreno, temos que Carlo Ginzburg (2006), sustentado na concepção bahktiniana de circularidade das culturas, defendeu que as “classes subalternas” não se submetem passivamente a um sistema cultural hegemônico ou constituem um sistema de valores totalmente alheios às influências de outras culturas. Para Ginzburg, era bem mais frutífero pensar que a cultura das classes subalternas e a cultura das classes dominantes se influenciavam mutuamente. Essa mestiçagem identitário-cultural pode, por exemplo, ser vista na ESAV ocorrendo em meio a movimentos discentes (correlatos, dentro da instituição, às culturas subalternizadas citadas por Ginzburg) que serviram tanto ao propósito da invenção/sedimentação do *espírito esaviano*, quanto também à produção de diferentes expressões a tocarem e interferirem em elementos não esquadrihados ou pensados por esse *espírito*.

Cada estudante, a partir de sua história de vida e influências socioculturais, trazia consigo diferentes mundos que, se por um lado tinham que se adequar ao disciplinamento esaviano, por outro interferiam na cultura da instituição no instante em que fomentavam – ainda que de maneira dispersa – movimentos a enunciar suas alteridades. Muitas vezes tais alteridades se materializavam em pequenas e “invisíveis” atitudes transgressivas ao disciplinamento vigente, como ilustrou Antonio Secundino São José, ao prestar o seguinte depoimento de seus tempos de internato na ESAV:

Mais de um no chuveiro era considerado ofensa moral. Certa ocasião, estávamos cinco num chuveiro ao mesmo tempo. Cinco rapazes num quarto de banho não são, em absoluto, a imagem do silêncio e da calma. Nisso, um sexto bate à porta. “Não há mais lugar”, dizemos nós. Novas batidas, mais fortes, mais enérgicas. “Abre a porta e vamos dar um susto nesse...” disse um de nós, enchendo as conchas das mãos com água fria e se escondendo atrás da porta. Abriu-se a porta e... era o Sr. Diretor [Bello Lisbôa] !... Ainda bailam nos meus ouvidos as palavras dum dos maiores ‘sabões’ que eu jamais ouvi em toda minha vida (SÃO JOSÉ, 1939, p.12-13).

Se o caso do banheiro se refere a uma dinâmica pontual das táticas transgressoras dos discentes – sendo igualmente um exemplo de como funcionava a vigilância cirúrgica desempenhada por Bello Lisbôa – movimentos grupais mais organizados também se pronunciaram. E um dos que evidenciou essa orientação plural da vivência estudantil na ESAV foi o jornal “O Bonde”.

O Bonde

E os grandes detalhes da vida só se fazem pelos pequenos (COSTA JUNIOR, 1947).

Os estudantes da ESAV organizaram dois principais veículos de comunicação impressa. O primeiro, surgido em 1940, foi batizado de *Revista Seiva* e, por se constituir no periódico técnico-informativo do corpo discente, era trabalhado como sendo uma “revista séria”. A Revista Seiva foi fruto da *iniciativa de uma plêiade de esavianos idealistas, que viam a necessidade de dar ao nosso meio uma feição mais acadêmica, mais culta, mostrando, assim, que a par dos labores do campo também se cultivava as letras* (ATHAÍDE, 1945). As palavras em itálico foram publicadas em 1945, em uma nota no sexto número de outro veículo informativo discente: o jornal “O Bonde”. Nessa mesma nota, após parabenizar a Revista Seiva por seu primeiro lustro de existência, é dito que *rende aqui sua modesta homenagem o irmãozinho feio, pirralho nascido ontem, mas que já luta neste campo fecundo visando complementar sua trajetória brilhante* (ATHAÍDE, 1945). Considerando-se como sendo o *irmãozinho feio*, o jornal “O Bonde” não seguia a mesma linha editorial “séria” da Revista Seiva, encontrando na veia humorística e anedótica sua marca mais expressiva. Por isso mesmo teve, em seus primeiros anos, circulação restrita apenas às Quatro Pilastras, ao contrário da Seiva que possuía a autorização institucional de representar a ESAV para além de seus “muros”.

“O Bonde”, que possuiu uma existência irregular entre os anos 1945 e 1963, tinha, porém, como principal objetivo apresentar não artigos científicos, mas a dinâmica plural do cotidiano discente da ESAV, sendo que o título do jornal surgiu da prática dos estudantes de se reunirem, após o café da noite, nas escadaria do internato e ou à frente do mesmo para fazer desordem, barulho e incômodo com suas conversas altas. Assim, a palavra “bonde”, para os praticantes daquela instituição, *carregava a conotação, só existente na Escola, de coisa que fazia barulho* (LAM-SANCHÉZ, 2006, p.186). E no editorial apresentado no primeiro número do jornal, datado de primeiro de setembro de 1945, encontramos as seguintes argumentações a justificarem a existência daquela publicação:

Diversos são os motivos que nos mobilizaram para a fundação deste semanário. Objetivamos de início que ele seria uma tribuna livre para todos os esavianos expor os seus pontos de vista, quaisquer que fossem. (...) Depois, olhamos para dois planos de vida existentes na Escola. Um é o trabalho sério que levamos de segunda-feira a sábado regulado, em horas certas, numa cadência quase marcial. O outro é preenchido por essa animação característica, de entusiasmos, de vida transbordante e todo ambiente estudantil. É esse lado expansivo, adubado de humorismo, que vai amenizar aqueloutro de labor e esforço. Mas, para maior lenitivo às nossas canseiras e maior proveito das horas de folgas, pensamos publicar nesta folha os quadros mais curiosos da vida esaviana – que nem sempre estão ao alcance da vista ou ouvido de todos – fazendo críticas, contando piadas e os “foras” de particular fertilidade de alguns colegas (ATHAÍDE, “O Bonde”, 1945 – grifo meu).

Figura 3: Jornal “O Bonde”, número 1 (01set.1945).



As primeiras palavras da do referido editorial chamam a atenção, principalmente quando se sabe que a Revista Seiva já existia há cerca de cinco anos. Por que, então, criar um semanário que se objetivasse a permitir que qualquer estudante pudesse dizer o que quisesse? O quanto na Revista Seiva silenciava – com sua “cultura” e cientificidade – os “bondes”, as bagunças, as pluralidades de mundos que se movimentavam no internato e no dia a dia da ESAV? Se tais perguntas ficam sem respostas, fica evidente, entretanto, que, principalmente em seu início, “O Bonde” se notabilizou em, através de seu humorismo e “ingenuidade”, apresentar facetas das vivências e crenças cotidianas discentes sobre temas que algumas vezes não encontravam espaço de aceite dentro do *espírito* da Escola: contava-se a respeito das festas, da beleza das mulheres da cidade, das fofocas do internato, das visitas realizadas às casas de professores e a outras cidades. No jornal também ocorriam disputa de ideias, argumentações contra e a favor de posturas desenvolvidas na ESAV e, inclusive, abertas declarações sexistas e racistas como:

ÀS MUIÉ

Muié?!
 Nunca vi trem tão imundo!
 Desde o cumeço do mundo
 vem carregando pecado.
 Puis ela,
 é animar tão lambido
 qui só arranja marido
 pra desgraça co’o coitado.

Demonho,
 mardoso cumo ele é,
 vistiu rôpa de muié
 só prá assustá os cristão.
 O inferno
 ficou danado de quente,
 intupidinho de gente:
 só muié, nem um varão!

Muié?!
 Já ficou mêmo porvado
 qui é um bicho mais danado
 do que saci pererê.
 Mais eu,
 num sei o qui me trapáia,
 puis pro causa duma saia,
 sô inté capais de morrê!
 (SABUCODONOSOR, 1945).

Essas facetas da vida cotidiana da Escola atravessavam as páginas de “O Bonde”, em meio a passagens anedóticas e relatos de “banalidades”, deixando pistas a respeito de outras dinâmicas de vida que tinham o poder de questionar a aparente unicidade e harmonia identitária esaviana. A título de exemplo, temos a passagem a seguir, publicada no número 21 do jornal, em 11/05/1946:

ANTOLOGIA

De Emerson

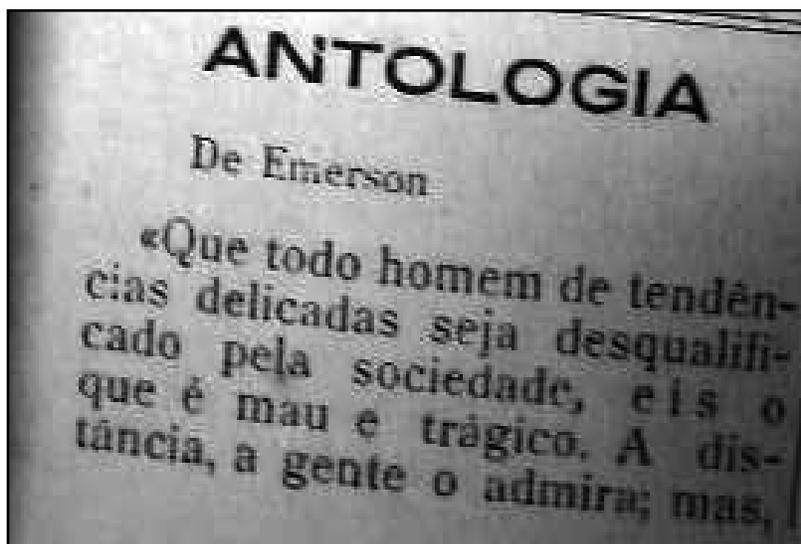
Que todo homem de tendências delicadas seja desqualificado pela sociedade, eis o que é mau e trágico. À distância, a gente o admira; mas coloquem-no frente a frente: é um enfermo.

Na sociedade, as capacidades superiores do indivíduo são consideradas como coisas que desqualificam (EMERSON, “O Bonde”, 1946).

FATOS E BOATOS

- Que as moças de Recreio não são bonitas é boato, mas que o Mucuna namorou uma negra é fato (OLEO e OLARIA, 1945).

Figura 4: Jornal “O Bonde” – 11maio1946.



As palavras acima, publicadas numa pequena coluna não assinada e legitimada pela figura do filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson, podem ser indicativas da existência, dentro da Escola, da prática de homossexualismo entre discentes, assim como críticas à homofobia e à patologização do sujeito homoafetivo. A homossexualidade na ESAV era, porém, algo não problematizado porque igualmente inconcebível aos cânones do *espírito esaviano* de conduta exemplar para a Pátria. Isso porque o saber científico da época – fosse o da medicina ou da psicanálise⁵ – tendia a considerar a homossexualidade como sendo uma patologia ou uma perversão e, portanto, inadequada enquanto conduta social e moral. Paiva e Pires, por exemplo, ao discutirem a formação masculina na ESAV, citam algumas decisões disciplinares tomadas em reuniões da congregação da Escola em 1929, dentre as quais duas passagens chamam atenção para uma potencial questão homoafetiva:

O aluno Mario Pereira de Mello no “jardim público” dera dois beijos em seu colega Sebastião de Souza Lamir, que tentou repelir os ósculos. Mello convidou Lamir para brigar na avenida da Escola. Como punição a estas atitudes indisciplinadas, o aluno Mello foi afastado da instituição no corrente semestre (PAIVA e PIRES, 2007, p.109).

Um exemplo da utilização do arquétipo docente para estruturação dos alunos fora empregado pelo Presidente da Congregação, ao expor o caso dos alunos Paulo Aguiar e Miguel Pardi, que “praticaram imoralidade” nas proximidades da Escola (PAIVA e PIRES, 2007, p.110).

Ambas as passagens não deixam claras as circunstâncias nas quais estavam envolvidos os discentes, porém indicam que qualquer alusão à sexualidade tendia a não ser abraçada com simpatia pelos disciplinadores da instituição. E em um ambiente onde se buscava abor-

⁵ Sigmund Freud, pai da psicanálise, nunca chegou a qualificar como doença a homossexualidade, porém muitos de seus discípulos, inclusive sua filha Anna Freud, fizeram condenações explícitas à homoafetividade.

tar a efervescência sexual juvenil pelo uso de forte disciplina, é de se esperar que a homoafetividade, ou qualquer conduta que dela se aproximasse, fosse apresentada como postura a ser reprimida e repreendida. Seria, portanto, restrita a guetos invisibilizados que poderiam, em raros momentos, surgir em sutis frestas num jornal como “O Bonde”, indicando a existência de prazeres clandestinos pouco ou nada explicitados no histórico da Escola.

Na esteira da reflexão que a leitura do jornal nos oferece a respeito da inexistência de unicidade na definição do “esaviano”, temos que, a partir de alguns artigos ali publicados, também se pode inferir sobre a existência de dúvidas, por parte dos discentes, do real valor das Reuniões Gerais. Estas, nas décadas de 1940/50, começaram a e tornar mais escassas, havendo igualmente pouco entusiasmo dos professores para nelas realizar suas preleções (AZEVEDO, 2005). Tal fato favoreceu com que muitos estudantes tendessem a acreditar que o famoso *espírito esaviano* não passava de uma fantasia; de mera oratória a só existir na mente de seus idealizadores. É o que indicam os seguintes textos:

Há muita gente por aí que raciocina, ou melhor, o instinto educado já no palavrear de outros, lhe manda dizer: “Ah, isto é teoria, são palavras apenas...” (...). Assim são quase sempre classificadas nossas reuniões no Salão Nobre (O Bonde, no. 3, 1945).

Pois bem, tudo o que dissemos acima é uma ilustração da prova que queremos apresentar da existência do espírito esaviano, tão farejado por uns, ignorado por muitos e conhecido por poucos. Preferimos pertencer ao grupo dos que o conhecem e bem por isso afirmamos que o espírito esaviano não é um mito. (...) Por favor, esaviano, nunca pergunte se existe, realmente, o espírito esaviano e que espírito é esse (GIACOMETTI, 1947).

Assim, é sugerido que naquela publicação havia espaços para a coexistência tanto de intensificações tradicionalistas, moralistas e preconceituosas quanto também de movimentos de rebeldia questionadora dos ideais defendidos pela Escola. Nas diferentes dimensões argumentativas apresentadas no jornal, o próprio modelo do *homem esaviano* encontrava diferentes interpretações. A ESAV o queria pesquisador, curioso, empreendedor, mas “agrícola”; um técnico a responder aos cânones de cientificidade, mas, ao mesmo tempo, modelado a uma fidelidade sem críticas aos valores da agricultura, da instituição e da nação. Todavia, na leitura do periódico, nota-se que muitos estudantes se sentiam descontentes pelo fato de serem considerados incultos, principalmente quando participavam de encontros estudantis com discentes dos cursos de Direito e Medicina de outros centros de formação superior. Para a cultura elitista da época, o “agrícola” era um ser desprovido dos saberes “superiores”, sendo geralmente identificado com a figura pachorrenta do Jeca Tatu apresentado por Monteiro Lobato (1994), a qual era afeita à preguiça, ao cultivo da “ignorância” e do menor esforço: fosse tanto em termos práticos quanto intelectuais.

O estudante *de imaginação rudimentar*, um jeca-tatu – anunciado por Rolfs como sendo a postura típica do discente ao se iniciar na instituição, e que necessitava ser adestrado em curto cabresto disciplinar – não era experienciado como sendo um modelo a ser seguido por muitos esavianos que aspiravam a serem reconhecidos não apenas como valorosos trabalhadores agrícolas, mas também como elite intelectual. Preocupavam-se em não se restringirem ao personagem do “agrícola” que só conhecia o que os modos hegemônicos de subjetivação da ESAV davam a conhecer dentro de seus limites tanto geográficos quanto intelectuais. Isso pode ser inferido em “O Bonde” a partir das críticas ao modelo excessivamente prático da Escola, cujo currículo, centrado prioritariamente em técnicas agrícolas, produzia poucos espaços para a expressão de outras sensibilidades que não fossem aquelas mais agronomicamente espartanas.

Por sua vez, a ESAV também era habitada por muitos discentes que entendiam a dedicação às letras, às reflexões intelectuais e às artes como sendo atitudes menos sérias. As ações que não possuíam uma utilidade quantificável nas medidas dos laboratórios e ou não respondessem às necessidades de desenvolvimento tecnológico, tendiam a conseguir espaços de expressão rotuláveis muitas vezes como infantis ou tolas, como, por exemplo, questões referentes à literatura e à poesia. Como questionou o discente Joel da Silveira, desdobrando uma crítica ético-estética à produção de subjetividade cientificista fabricada na Escola:

O que é a poesia? É uma conversa mole, sem nenhum resultado prático. É um amontoado de frases bonitas repassadas de sentimento, onde o bardo lamenta a ausência de sua bem amada. É um conjunto de palavras rimadas, nas quais o vate, abusando da liberdade poética, diz os maiores absurdos. Estas são as respostas do “agrícola”. (...) Não vivamos apenas dos livros, com os livros e para os livros. Lembremo-nos de que a vida estudantil é uma medalha. De um lado estão as sabatinas, provas, relatórios, trabalhos práticos, noites de insônias. Os olhos cansados ardem sobre as folhas mimeografadas, enquanto um frio cortante penetra pelas janelas. Porém, há o verso da medalha. Podemos retemperar o nosso cérebro cansado, enveredando pela senda da poesia. Isto sem prejudicar os estudos. A poesia nada mais é que a tradição das cousas que nos cercam, a concretização em rimas de muitos dramas que andam por aí. (...) Portanto, “agrícola”, pode continuar com suas ideias se assim desejar. Porém, não condene tanto a poesia (SILVEIRA, “O Bonde”, 1945 – grifo meu).

Na ESAV, portanto, enredavam-se diferentes expressões discentes e pontos de conflitos a enunciarem outras poéticas de vida: fosse do “agrícola”, do literato, do esportista, do músico, dos bondes a oferecerem passagens a diversos ritmos estudantis que atravessavam diariamente aquele espaço educacional. Difícil, pois, se dizer que o *espírito esaviano* representava a alma coesa e “pura” da instituição – “alma” esta sugerida por Coelho (1996) como sendo uma doçura paradisíaca que se perdeu com o tempo – ou que poderia ter sua essência materializada em alguma prática específica. Apesar de enaltecido e aclamado, fosse por estudantes ou professores, o *espírito esaviano* seria melhor descrito não como uma essência, mas sim como uma *poética*, no sentido de produção, de maquinação e de criação que tal conceito carrega. Era, pois,

uma dispositivo de subjetivação construído na diversidade, enovelado no ideário de Arthur Bernardes de fortificar política e economicamente Minas Gerais; na pressão que Bello Lisbôa sentia em não deixar tal ideário morrer em suas mãos; na questão geográfica de isolamento discente que a Escola propiciava; na ânsia fervilhante de muitos jovens em tentar fazer uma diferença em um mundo em que os idealismos pátrios eram fervorosamente nutridos nas mais diferentes nações do globo, principalmente quando muitas delas, na época, haviam se envolvido na Segunda Guerra Mundial.

O *espírito esaviano* era, pois, um movimento de produção de realidade que se inseria tanto nas redes relacionais da ESAV quanto também nas linhas de tensão que atravessavam as construções coletivas do planeta. Contudo, na Escola, o *espírito esaviano* não correspondia a um corpo coeso, estável, indivisível, mas a uma intensificação de sentido partícipe de outras tantas realidades e dinâmicas cotidianas a fabricarem uma identidade institucional enredada na multiplicidade.

Referências

ATHAIDE, Antônio A. Apresentação. In: **jornal “O Bonde”**, número 1, ESAV, 01/09/1945.

_____. A Primeira Etapa. In: **jornal “O Bonde”**, número 13, ESAV, 24/11/1945.

_____. **Jornal “O Bonde”**, número 06, ESAV, 07/10/1945.

AZEVEDO, Denilson Santos de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente - o projeto político pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): organização e funcionamento**. Tese de doutorado em História da Educação e Historiografia. Universidade de São Paulo, 2005.

BAIA, Anderson da Cunha; MORENO, Andrea. **Educação e esporte: origem e consolidação do esporte na ESAV**. In: Revista Mineira de Educação Física, vol.14. número 2, pg. 100-121, 2006.

BERNARDES, Arthur da Silva. Discurso no ato inaugural da ESAV. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: UFV, 2006.

COELHO, E. L. Dois fundamentos de uma história. In: Lima, A. L. (Org.). **UFV 70 anos; a trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.

COSTA JUNIOR. Crônica da semana. In: **jornal “O Bonde”**, número 42, ESAV, 29/03/1947.

EMERSON, Ralph Waldo. Antologia. In: **jornal “O Bonde”**, número 21, ESAV, 11/05/1946.

SÃO JOSÉ, Antônio Secundino. Evocando o passado. In: **ESAV 1939**. Viçosa, 1939.

GIACOMETTI, D. C. Espírito Esaviano. In: **jornal “O Bonde”**, número 45, ESAV, 26/04/1947.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAM-SÁNCHEZ, Alfredo. **A UFV nos tempos da Escola Superior de Agricultura-UREMG**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

LISBÔA, João Carlos Bello. A Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais. In: **Boletim de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais**. Ano I, Num. I., 1928.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARINHO, Cristiane. **Entrevista a ex-alunos da ESAV, 2001**. (mimeo)

OLEO E OLARIA. Fatos e boatos. In: **jornal “O Bonde”**, número 3, ESAV, 1945.

PAIVA, Adriano Toledo e PIRES, Maria do Carmo. **Rigores disciplinares na formação de um leader: a educação masculina na Escola Superior de Agricultura e Veterinária**. Caderno Espaço Feminino, v. 18, no. 2, Ago/Dez 2007.

RANGEL, Nello de Moura. Preleção na última Reunião Geral de 1940. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Orgs.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: editora UFV, 2006.

RIBEIRO, Maria das Graças Marcelo. **Uma instituição modelar: a experiência da Escola de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – 1926 - 1948**. Uberlândia: Cadernos de História da Educação, v. 9, n. 1, jan/jun 2010.

ROLFS, Peter Henry. Destino na vida. In: Lima, A. L. (Org.). **UFV 70 anos; a trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SABUCODONOSOR. As Muié. In: **jornal “O Bonde”**, número 1, ESAV, 01/09/1945.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVEIRA, Joel da. O agrícola e a poesia. In: **jornal “O Bonde”**, número 05, ESAV, 29/09/1945.

*Recebido em outubro de 2012
Aprovado em fevereiro de 2013*